

Meu caro Cruzeiro Seixas,

Fiquei contente de ter podido falar consigo ontem pelo telefone. Aqui envio-lhe os documentos que entretanto foram publicados com a minha colaboração.

A revista QUIMERA QUE PASSA é o primeiro número da folha que regularmente o Grupo Surrealista de São Paulo pretende publicar. O primeiro numero que saiu, este que lhe anexo, é inteiramente dedicado ao texto que escrevi O LAGO.

O outro livrinho que envio, o FOLCLORE PORNOGRÁFICO DA FIGUEIRA DA FOZ, é uma edição facsimilada a partir do exemplar que religiosamente guardo em minha casa. É um livrinho inexistente na Biblioteca Nacional e outras bibliotecas publicas portuguesas. Foi originalmente publicado sem nome de autor, nem lugar de impressão. Mas eu atribuo a recolha das quadras populares ao CARDOSO MARTA, pois ele 1 ano antes publicou o seu segundo volume do FOLCLORE DA FIGUEIRA DA FOZ cujo conteúdo apresenta o mesmo aspecto gráfico e a mesma organização dos capítulos que este agora reeditado. O livrinho é um autêntico devaneio pela cultura popular mais obscena.

Tal como lhe disse por telefone, tenho intenção de elaborar uma serigrafia de uma das pinturas que generosamente me ofereceu, para se fazer acompanhar de um livro de poemas. Poderei contar com a sua colaboração no sentido de assinar a lápis as serigrafias?

Recebeu a minha última carta de 15 de Julho, onde lhe anexe também alguns livrinhos, catálogo e umas folhas de papel artesanal que eu trouxe da Republica Checa?

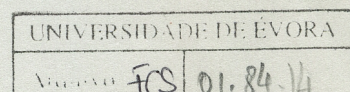
Dizia-me por favor, quando é a exposição que lhe vai dedicar a sua cidade berço no próximo mês de Setembro?

Um profundo agradecimento eu continuo manifestar ao Artur, pois foi graças à sua chave que se me vão permitindo abrir as diversas portas da liberdade entre todas as distintas células surrealistas deste universo. À boa maneira beirã, UM BEM HAJA.

Aguardo atentamente notícias suas. Com o mais apertado e surrealista dos abraços,

Figueira da Foz, 8 de Agosto de 2007

Miguel de Carvalho



Quimera O Que Lassa



Oitava Folha do Baobá de Lautréamont - Maio/Junho 2007

"C'est au comte de Lautréamont qu'incombe peut-être la plus grande part de l'état de choses poétique actuel: entendez la révolution surréaliste!" André Breton

xxx



Miguel de Carvalho, Collage: *Memória futura resumida num minuto de eternidade*, 2007

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Arquivo

FCS

01.84.14



para o cruzeiro seixas este lago que
guarda a quimera de todas as nossas
liberdades interiores com a amizade do
miguel de carvalho

O Lago

Parece fluir. As chuvas oblíquas extasiam o silêncio. A linguagem para amar ... dissolvida. Ondas circulares e galopantes. Reflexos e fragmentos de candeias. Pernas femininas enraizadas e em posição vertical, curvadas sobre o lago. Os nenúfares recolhem sua flor. Aves de prata acompanham os círculos ondulantes da pedrada na água.

Ao fundo, uma praia azul que por vezes sangra. Ao alvorecer, erguem-se melodias cintilantes, cavalos negros, crianças ardentes, palavras ímpares. E sobre o lago é sempre outra coisa. A espuma ilumina os espinhos dos corações. Sei como um lago é profundo e devastador. Meto as mãos na água, a essência absoluta. A essência que mina o corpo e o nome. Tudo o resto se arrasta no sentido da mão. Como uma flor que bebe toda a água pelas suas raízes, e sem nome. Poder da criação ferozmente diluída nos movimentos aquosos como se de poema inconcreto se tratasse.

Roda ao longe a praia, sob as pernas femininas. E a espuma, também. Os seixos gravitam a meia altura, absortas. Ecoam e escoam, sob vozes liquefeitas. Que também fluem metalicamente. Suspiros, separados entre vidros de espelhos. De côres púrpuras e frias. As pálpebras fecham-se à torrente do sonho. Que paira sobre o lago, em género olhar. Fértil e automático. A humidade do lago, antropófaga como as palavras. Em volta, as ilhas atravessam florestas com a velocidade lenta. Em direcção ao grande ventre.

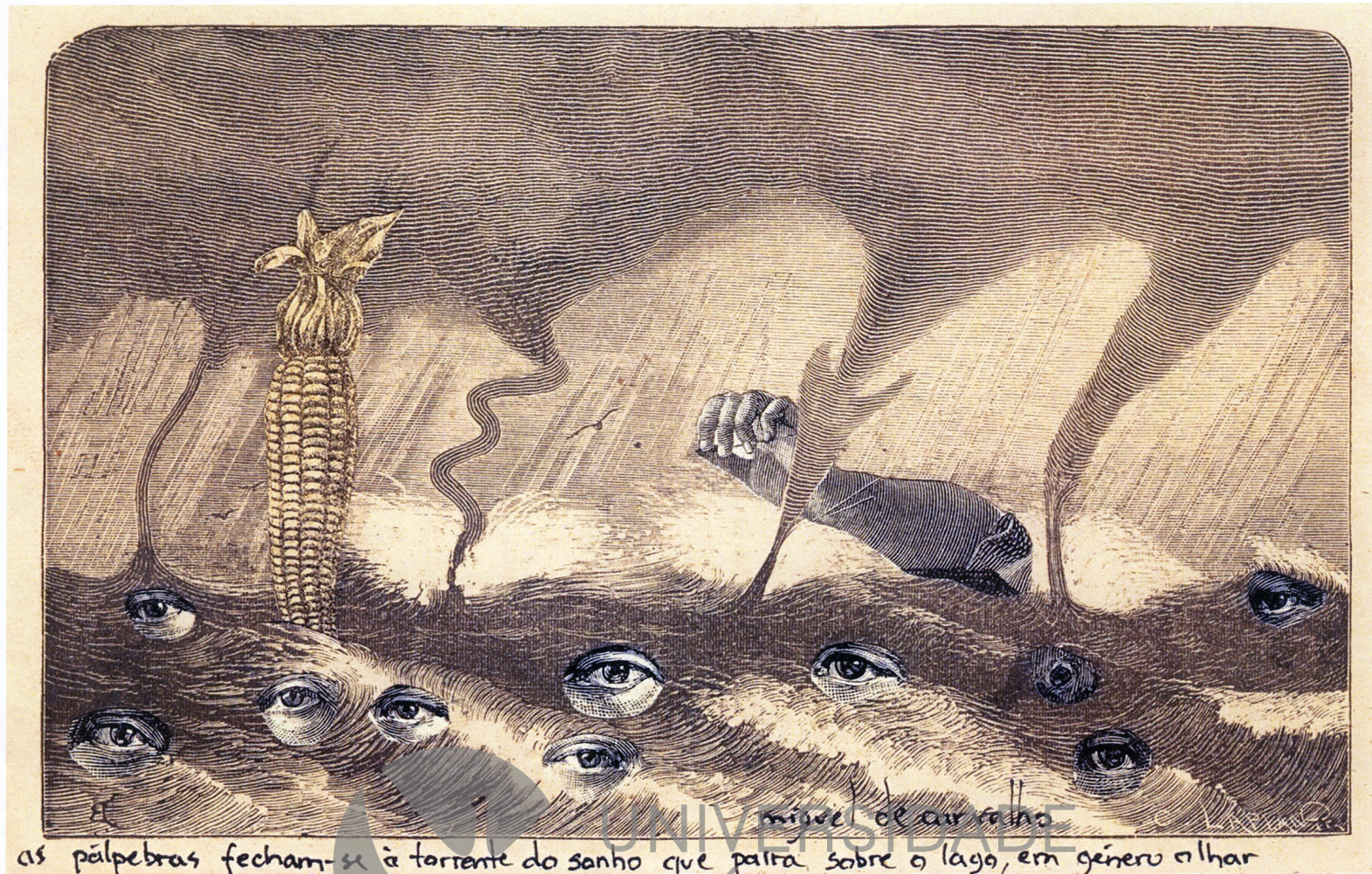
E roda ainda a praia. As aves continuam de prata. Transportam maçãs de oxigénio. Colinas submersas na própria infância, bem no fundo do lago. Subo à mais alta onde não é possível gritar. Barcas sem quilha e casco. Apenas cavernas e leme. Remos absolutos ao centro, atravessando o lago enquanto roda a praia. As gotas saltam no movimento e trespassam o lago. E a humidade rasante. O lugar deste lago, um esplendor virgem.

Quando chega a noite, as chuvas verticalizam seus movimentos. As gotas dão lugar a pérolas. Concentram-se interiormente na praia. Paradas, à espera do amor louco. Sufocam o ar circundante e transformam as auroras. Resuscitam o silêncio através da corrente, que as separa e mastiga. E as pálpebras continuam cerradas, translucidamente imóveis. Beijam os sonhos, também em torrentes. Fogazes.

Ao solstício, o lago é um lugar de alfabetos. Hermético. Pelas pernas escorrem os rostos dos navegantes. As borboletas deitam-se. Recolhem as asas para que o vento não as amadureça. Nas cavidades, labaredas aquosas inspiram o ar turvo e meteórico. Vozes cristalinas através dos olhares flamejantes e tangenciais. Pedras negras, roladas à custa da seiva do tempo. Árvores ácidas, vertebrais. A inclinação imprime-lhe o isolamento. As praças flutuam sobre o poder feminino do nevoeiro. Lê-se à superfície do lago: mãe.

Depois do equinócio, as aves despem a prata e os répteis visitam o lago. Silenciosos devoradores de pétalas e estrelas. Os pescadores abandonam as redes e os sinos. À boca do dia clamam desejo. E ao crepúsculo mãos ígnea. O belo cerca o suspiro ofegante e magnético. O suspiro cerca o rosto. Este ascende pelas mãos, até à sombra interior. As ondas continuam circulares e galopantes ao centro. As enseadas do lago, imaginam-se invulneráveis e nuas. O vento traz a melodia surda.

Na margem há uma casa equilibrada nas vozes. Rodeada de colunas de basalto volátil. Dela avista-se a internidade dos rostos reflectidos nas fendas do lago e do silêncio. Este move-se sob o nevoeiro matinal da respiração dos corpos adormecidos. A casa lembra um deserto em dia de vento arcaico. Repousam instrumentos e ostras numa janela aquosa. A casa tem o tempo da sombra. Tem o olhar de um amante em paisagem incendiada cujas flores são objectos de culto. Sobre os lençóis húmidos, um



Miguel de Carvalho, Collage: *As pálpebras fecham-se à torrente do sonho que paira sobre o lago, em género olhar*, 2006

ventre. Símbolos arqueados e penugem dilacerada ... sobre o ventre. Uma casa-ventre. Os interstícios da memória povoam as salas frias. Desejos imoderados e fluorescentes esvaziam o silêncio dos corredores. Húmidos e frios. Por vezes grita. Por vezes grita para além do desejo clamando pelo solstício. E pelos insectos detentores do segredo lagunar.

E também há um retrato que guarda o sorriso veloz. Que desfaz a voz. E guarda corpos à espera de seu abismo. Da sua geografia interna. Guarda, como dizer, uma história atormentada de um amor esgotado. Violento. De geometria difícil. Mas também guarda a voz feminina da flor por dentro. De cabelo gelado. É um retrato de cores nocturnas e sedosas. De perfis sufocantes em cada instante do amor intrínseco. Que sonha. Que é puro. Tudo nesse retrato é amor puramente segmentado. Rodas e cadeiras dissolvidas em lágrimas. Que são doces. E perfumadas, derramando o sal interno dos perfis. Assim

repousa o retrato, aprisionado em espinhos. À espera de palavras. À espera de enlouquecer com a leveza das pétalas brancas e dos anéis de tempo. Um retrato dócil de imagens loucas.

E ainda há outra coisa: Raízes. Raízes que regressam da loucura e mergulham num sentimento ardente em forma de retrato. Retrato-raíz. Como que uma árvore que ferve na noite algures na solidão e na vastidão do belo e do doloroso. Por vezes as raízes estão nuas, despidas pelo retrato. Obscuras umas e outras, como palavras solitárias que flutuam no vento. Que parecem caminhar com uma sonoridade granítica. De palavra em palavra, uma raíz entre a poeira e o retrato.

Assim é o lago. Profundo em cada instante como o desconhecido no final da jornada.

Miguel de Carvalho, janeiro 2007



miguel de carvalho, junho 2006, coimbra

foto de fátima roque (são paulo, brasil)

para a fátima roque este lago que anseia
 as imagens da sua imaginação para
 que juntos possam mergulhar no
 vento que amadurece as asas de
 borboleta

miguel de carvalho

Coimbra, no último dia do primeiro mês
 do ano 187 da revolução liberal.

... jornada.

miguel de carvalho

Miguel de Carvalho, janeiro 2007

a amar ... dissolvida. Ondas circulares e
 aizadas e em posição vertical, curvadas
 m os círculos ondulantes da pedrada na

: melodias cintilantes, cavalos negros,
 1. A espuma ilumina os espinhos dos
 água, a essência absoluta. A essência
 omo uma flor que bebe toda a água
 : movimentos aquosos como se de

Os seixos gravitam a meia altura,
 amente. Suspiros, separados entre
 ente do sonho. Que paira sobre o
 a como as palavras. Em volta, as
 re.

oxigênio. Colinas submersas na
 ritar. Barcas sem quilha e casco.
 quanto roda a praia. As gotas
 lago, um esplendor virgem.

igar a pérolas. Concentram-se
 te e transformam as auroras.
 lpebras continuam cerradas,

rostos dos navegantes. As
 Nas cavidades, labaredas
 flamejantes e tangenciais.
 inclinação imprime-lhe o
 do lago: mãe.

tevoradores de pétalas e
 o. E ao crepúsculo mãos
 ende pelas mãos, até à
 do lago, imaginam-se

látil. Dela avista-se a
 nevoeiro matinal da
 arcaico. Repousam
 r de um amante em
 m ventre. Símbolos
 memória povoam as
 is e frios. Por vezes
 ntos do segredo

ra de seu abismo.
 ado. Violento. De
 É um retrato de
 nha. Que é puro.
 que são doces. E
 inhos. À espera
 m retrato dócil

o ardente em
 o vastidão do
 outras, como
 o palavra em

“para a Fátima Roque este lago que anseia as imagens da sua imaginação para que juntos possam mergulhar no vento que amadurece as asas de borboleta”

Coimbra, no último dia do primeiro mês do ano 187 da revolução liberal – Miguel de Carvalho

NACIONAL

CORREIO
AZUL



PRÉ-PAGO
PORTUGAL

miguel de carvalho

rua ferreira borges, 175-1.º

3000-180 Coimbra

01-84.14



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Artur Cruzeiro Seixas

Ed. Portas do Tejo

Av. Fernando Pessoa

Lote 320 bloco B - 8.º B

Parque Expo

1990-090 Lisboa

NÃO DOBRAR

DOCUMENTO

Miguel Carvalho

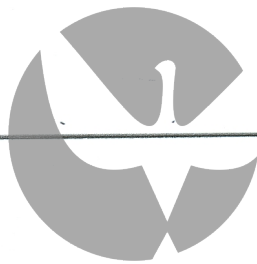
Não se incomode a enviar tantos documentos, pois a minha casa é pequena para tanto papel.

Muito agradeço TUDO, e quanto às folhas de bonito papel artesanal não vale a pena enviar, porque eu nunca estive vocacionado para escolher papeis como os artistas profissionais.

Quanto à ~~minha~~ Cidade berço saí de lá com 5 anos, nada tenho a ver com homenagens prestadas à minha pessoa, e disso deí parte à Amadora.

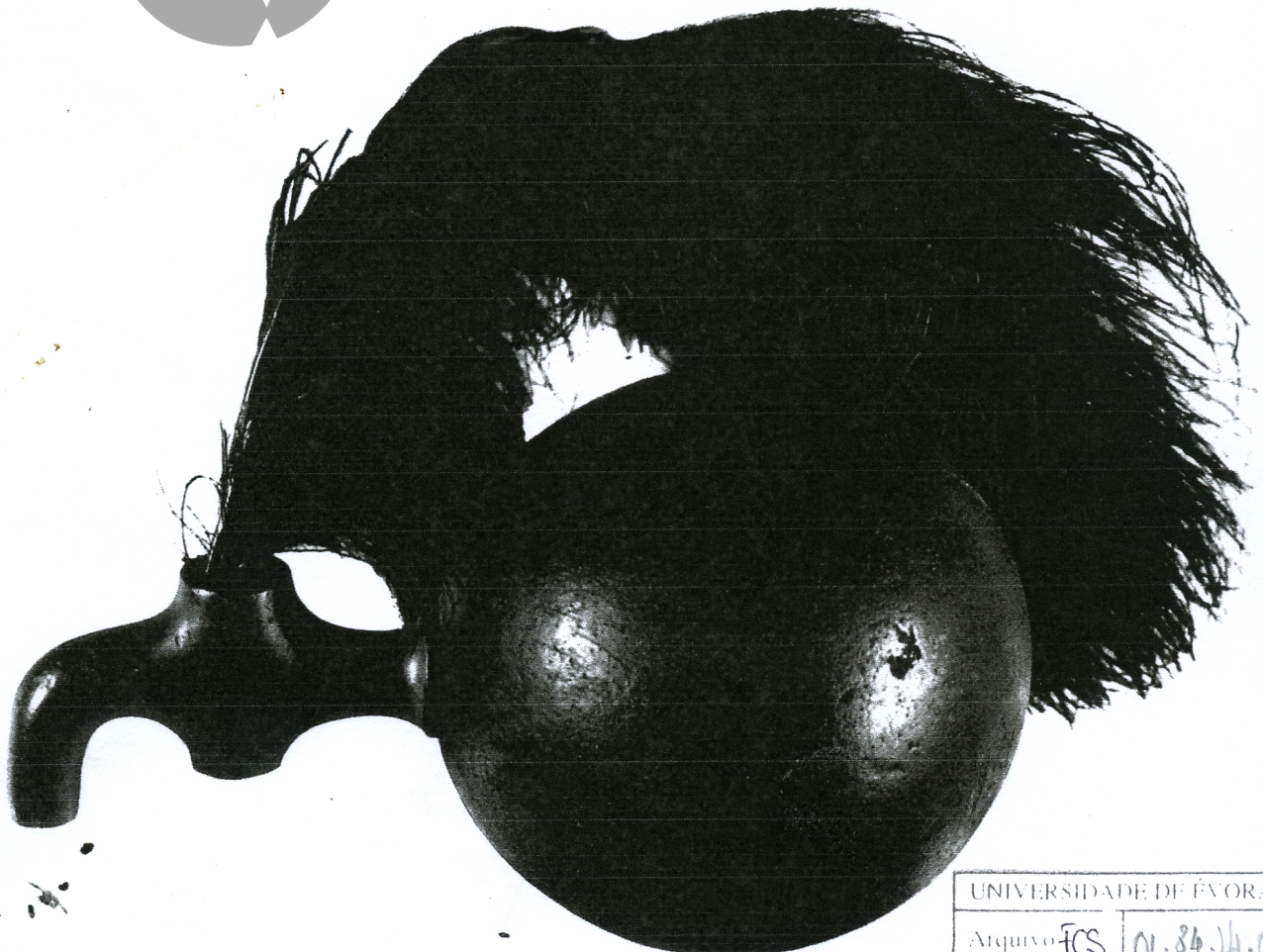
Com os melhores cumprimentos

Artur



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

24 agosto 2007





UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

